



**POÉTICA DO DESASSOSSEGO NA OBRA DE MICHEL  
FOUCAULT:**

considerações líricas sobre um pensador sem lugar

**DISQUIET POETICS IN THE WORK OF MICHEL FOUCAULT:**

lyric considerations of a no place thinker

Amanda Horta Campos

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** Este ensaio se propõe a encontrar os interstícios da literatura e das ciências humanas, num desdobramento das propostas de Foucault, das representações de Bernardo Soares, e do exercício lírico de composição acadêmica. Mais do que uma apresentação da teoria epistemológica foucaultiana, ou sua aplicação pelo pensamento do semi-heterônimo de Fernando Pessoa, o presente ensaio dissolve as barreiras entre cientista e literato, e incita uma postura crítica frente ao saber de um modo geral.

**Palavras Chave:** *Livro do desassossego*; Fernando Pessoa; Foucault; epistemologia.

**Abstract:** This essay aims to find the interstices of literature and the humanities, through the perspective of Foucault propositions, the representations of Bernardo Soares, and the lyrical performance of academic composition. More than a presentation of the epistemological theory of Foucault, or its application in the thought of the semi-heteronym of Fernando Pessoa, this essay breaks the barriers between scientist and writer, and encourages a critical attitude towards the knowledge in general.

**Keywords:** *Livro do desassossego*; Fernando Pessoa; Foucault; epistemology.

Foucault está morto. Talvez seja essa a razão da minha ousadia: a morte ameniza o meu compromisso com a figura humana de Michel Foucault. Pronta a me apropriar de seus dizeres e lê-los com olhos muito meus, afrouxo as rédeas do compromisso que nunca fiz, mas que me foi posto nos braços logo nos meus primeiros passos acadêmicos, o compromisso científico. Assim, retomo aqui as primeiras palavras que escrevi quando me fiz antropóloga, ainda que apenas no modo do querer. Proclamava no texto, com certeza funda, o meu desejo de fazer antropologia em estilo carta de amor. E essas memórias sem data ou publicação me trazem frente a este texto que se fará artigo; talvez o primeiro em que me permito poetar sem aspas. Aqui os meus olhos põem, lado a lado, as palavras de Bernardo Soares, que na sua existência funda nem chegou a nascer, e os escritos de Michel Foucault, que nem o pensamento fecundo foi capaz salvar da morte.

Bernardo Soares, o ajudante de guarda-livros da cidade de Lisboa, é um semi-heterônimo<sup>1</sup> de Fernando Pessoa, um dos maiores poetas portugueses do século XX. Não há um só alguém capaz de, diante de suas palavras, limitar-se às suas atribuições estéticas. Isso porque do belo surge a imensidão do saber: o mundo da vida, as angústias da existência, as reflexões metafísicas. E é assim, enquanto **episteme**, que o *Livro do desassossego* se transporta das ternuras de minha cabeceira para a mesa dura de meu gabinete, dando às laudas escritas o pasto fértil da literatura.

Sobre o pasto dos saberes de Bernardo Soares, lanço os saberes de Michel Foucault. E o faço não numa tentativa imatura de compará-los, de apontar-lhes pensamentos irmãos, de moldá-los em similaridades pérfidas. Mais que vislumbrá-los como vizinhos no campo epistemológico, o meu objetivo é tratá-los como tal, expondo a poesia do pensamento de Foucault e a densidade positiva da prosa de Pessoa.

### **A literatura e as ciências humanas no campo epistemológico**

Para que minhas ambições não sejam de pronto lançadas ao reduto das quimeras pseudocientíficas, inicio meus passos pela exposição do tema do saber do homem e de sua configuração na **episteme** moderna. Definir a arqueologia das raízes das ciências humanas nos permite a privilegiada visão em que, por um passo a frente – o nariz colado ao interno íntimo desse saber – dotamo-nos da panorâmica visão do todo, pois é na relação constante com outras dimensões epistemológicas que as ciências humanas fundam seu caráter de saber positivo.

No nascer das ciências empíricas e da filosofia moderna transcendental, o homem, até então desprovido de uma ciência de si, faz-se duplo objeto de conhecimento: por um lado, nele se manifestam as positivities, os objetos das ciências empíricas, a vida, o trabalho e a linguagem, por outro, faz-se fundamento e condição de possibilidade de qualquer saber, objeto do pensamento filosófico moderno de transcendência, cravada em suas origens kantianas e em todo o mais que lhe segue, uma verdadeira antropologia filosófica<sup>2</sup>. Nessa dupla função do homem no saber da modernidade, funda-se o momento da emergência das ciências humanas, delimitam-se suas margens, e nos saberes que fazem dele um ser empírico e transcendental, o homem enraíza aquilo que Foucault chamou de seu *a priori* histórico.

O homem não foi, em momento algum, portanto, objeto particular das ciências humanas, e nem por elas surgiu no firme intuito de aliviar seus prementes problemas científicos. Foi esse rearranjo geral dos saberes que abriu o espaço delineado pela separação

---

<sup>1</sup> Em carta a Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro de 1935, Fernando Pessoa diz: “[Bernardo Soares] É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual”

<sup>2</sup> De acordo com Foucault, fundamentalmente a filosofia moderna é uma antropologia e seu nascimento dar-se-ia a partir de Kant. Essa reflexão, que une a antropologia – ciência humana por excelência – à filosofia moderna, pode ser encontrada primeiramente em *História da loucura* (1961) e é posteriormente desenvolvida em *As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas* (1966). Nesta, Foucault diz: “A configuração antropológica da filosofia moderna consiste em desdobrar o dogmatismo, em reparti-lo por dois níveis diferentes que se apoiam um no outro e se limitam um ao outro: a análise precritica do que é o homem na sua essência converte-se na analítica de tudo o que se pode oferecer em geral à experiência do homem” (FOUCAULT, 1966, p. 444)

de dois níveis, o empírico e o transcendental, e fez com que, mais que sujeito ou objeto, o homem passasse a ser visto enquanto representação<sup>3</sup>.

Mas a emergência desses saberes, que as margeiam e servem de *a priori* histórico às jovens ciências humanas, traz consigo algo que vai além desse espaço, criado entre o empírico e o transcendental, que circunda o domínio de todo seu saber. As ciências empíricas, fazendo o saber penetrar verticalmente nas coisas – tratando-as como nada mais do que coisas – pelo tema da vida, do trabalho e da linguagem, fazem do homem um objeto de saber que só pode ser estudado em sua relação com os objetos empíricos e que, portanto, o anunciam, de maneira imperiosa, enquanto ser finito. E essa finitude humana não se descobre apenas através das empiricidades, mas permeia também o homem da filosofia moderna, sujeito de conhecimento, que é finito, assim como seu corpo, seu desejo e sua linguagem.

Na positividade singular do homem, em seu *a priori* histórico, funda-se sua problemática empírica e transcendental: dupla função do saber moderno, a limitação e o fim acompanham, desde o seu nascimento, o conjunto de discursos a que chamamos ciências humanas, num movimento que vai de borda a borda, de ponto a ponto, e que cobre todo o espaço da representação a que as ciências humanas lançam seus olhares. Enfim, o finito pensado a partir de si mesmo, no interior de seu espaço e nas bases que o margeiam, põe-nos frente a essa segunda condição de possibilidade das ciências humanas: o homem se faz o fundamento a partir do qual ele pode “ser-se finito”.

Com sua positividade tão fundamente arraigada no campo epistemológico, o que as distancia dos temores de que um alguém, por mera impostura, as aprisionem junto às ilusões, às crenças e outras quaisquer valorações afetivas, as ciências humanas se configuram como “saber”. E assumi-las como não-ciências, cuja coerência interna e relação com o objeto apontam unicamente para seu caráter positivo, não carregaria a vulgaridade dos fenômenos de opinião, ou o despontar de uma deficiência interna. As ciências humanas – não-ciências humanas – não se organizam pelos critérios de objetividade ou de sistematicidade tão indispensáveis às ciências no seu sentido estrito e, contudo, a ausência desses critérios formais não as confronta com as formações científicas, mas as colocam ao lado destas enquanto outras configurações de saber.

Assim como o homem e sua positiva não-ciência, a literatura nasce filha do feito moderno da fragmentação da unidade clássica em duplos simétricos, que faz verter um discurso de obra de linguagem naquilo que hoje sabemos literatura. Pelos passos das ciências humanas, que marcam morada no vazio que há entre o empírico e o transcendental, o ser de linguagem emana também de um vazio, que surge quando a linguagem primeira, em sua incontestável verdade imanente – calada e oculta em seus modelos divinos – desvanece-se na nossa **episteme**. Os murmúrios e as palavras que vagam no tempo, no vento e nos céus em sua infindável repetição – incessante, indefinida e infinita, pelas palavras de Roberto Machado – são o alvo do ser desta linguagem primeira, principal objetivo desse discurso de uma obra de linguagem que caracterizaria a escritura pré-moderna. O ser da linguagem na literatura não se repete, reduplica-se, fala sempre de si e da linguagem literária no seu próprio ser: “A reduplicação da linguagem, mesmo se ela é secreta, é constitutiva de seu ser como obra, e é preciso ler os signos que podem nela aparecer como indicações ontológicas”.<sup>4</sup>

Há na literatura, assim, a indicação de uma ontologia que, pela reduplicação, se propaga e se expande pelo eterno. O homem não é seu espaço, seu objeto ou seu sujeito, como

<sup>3</sup> A representação aqui não deve ser entendida enquanto categoria que caracteriza o saber clássico, co-extensiva ao saber, mas se refere ao homem e se produz em sua consciência enquanto fenômeno de ordem empírica.

<sup>4</sup> Do artigo “Le langage à l’infini”, citado por Roberto Machado em sua obra *Foucault, a filosofia e a literatura*, 2001, p. 113.

se passa nas ciências empíricas, na filosofia e nas não-ciências humanas recém-nascidas. A literatura existe enquanto experiência, enquanto realidade: uma realidade que não requer ser posta em prova, que não se diz preexistente ou fatídica. A linguagem literária seria, por fim, a linguagem pura, livre de ceticismos vãos quanto às verdades que traz. E esse ser de linguagem – a literatura – é capaz de implodir, nas infindas dobras de seus duplos – sua reduplicação auto-referenciada – o sujeito, o vivido, o tempo e a história, é capaz de dispersar o sujeito, matá-lo e preencher-se em vazio na linguagem neutra, anônima. A palavra por si se fala, a dor por si se sente. A literatura, em sua dobra gramatical, se encerra em seu todo infinito e se abre à experiência. É no pensamento que reside no por fora da subjetividade que se pode, por fim, pensar o vazio do homem desaparecido.

O tédio de Bernardo Soares, exposto nas desassossegadas páginas de sua única obra, junção de trechos muitos e de algumas pequenas publicações, dá novo movimento às reduplicações da linguagem moderna. Literatura por excelência, sua ontologia sai das páginas do volume, e se reproduz na biografia de Bernardo Soares, que faz do semi-heterônimo um alguém de vida e palavra. Mas mais do que isso, a linguagem falada e perpétua que em suas dobras desfaz a existência do homem, em suas páginas, refere-se ao vazio do pensamento, ao vazio da vida, às dores do não. A experiência da linguagem de Pessoa – Bernardo Soares – nos afunda na finitude sentida, tematiza e realiza o vazio em palavra, e se auto-refere ao infinito matando calada a existência humana.

### **A literatura foucaultiana de Bernardo Soares**

Os pensamentos de Foucault sobre a literatura às vezes me soam como devaneios. Não porque fogem à lógica ou por que não possam concatenar as idéias de forma positiva: cada uma de suas palavras vem banhada na positividade que ele traçou na arqueologia das ciências humanas. Se ele passou a vida a recusar as nomenclaturas – não se quis filósofo, nem sociólogo, nem poeta ou antropólogo – não receio dizê-lo um cientista humano ou, para levar ao extremo o todo de seu pensamento, um não-cientista humano, positivo e epistemologicamente localizável. O motivo de isso me soar como devaneio é que o muito que disse da literatura tem um lirismo fremente, um enaltecimento do ser de linguagem da literatura, que Foucault não pretende ser, mas que lateja em seu texto.

E eis que do meu punho brotaram tais palavras: literatura por excelência. A obra de Bernardo Soares teve em mãos ainda moça, e chamei-a literatura, assim como agora chamei-a de obra, e que nas aulas de Teoria da Literatura chamei de linguagem. Mas foi nos escritos de Foucault que a reacendi no peito e na razão, e coloquei o poeta português ao lado de Joyce e Baudelaire<sup>5</sup>.

Para que possa fazer claro o que acabo de esboçar, distingo os três termos que usei para dizer das palavras de Bernardo Soares: linguagem, obra e literatura. A linguagem é o ciciar da pronúncia, que pelos tempos produz um sistema de compreensão mútua e nos permite a comunicação. A obra produz essa primeira dobra da linguagem, onde se configura aquilo que a detém em si e onde se constrói um espaço, um “volume opaco”<sup>6</sup>, em que reside, imóvel, a linguagem. Por fim, a literatura se dá no permear desses dois planos, na relação

---

<sup>5</sup> Ambos os autores, de acordo com Foucault, têm grande relevância na consolidação desse lugar contemporâneo, mas ainda oculto, da literatura. Confesso ter lido apenas uma obra clássica de cada um destes autores, *Ulisses* e *As Flores do Mal*, respectivamente de Joyce e Baudelaire.

<sup>6</sup> Essa expressão provém da conferência pronunciada nas Facultés Universitaires Saint-Louis, de Bruxelas, nos dias 18 e 19 de março de 1964 e publicadas, pela primeira vez, no livro de Roberto Machado “*Foucault, a filosofia e a literatura*”.

mútua entre esses dois vértices. Mas esse seu movimento – entre obra e linguagem – não a torna de súbito inefável e indizível, não a aprisiona junto às “modulações do coração”. A duplicação eterna da linguagem da literatura faz dela uma linguagem de ausências, uma distância, uma oscilação da língua em si mesma. É por essa razão que a célebre questão “o que é a literatura?” seria, finalmente, a literatura em si mesma, o ato de escrever, já que o questionamento se estabelece na relação da obra com a linguagem, que em si já se configura como resposta.

Foucault traz Joyce e Baudelaire para os redutos da literatura, moderna por natureza, falando das dobras que a linguagem faz sobre si mesma, da repetição que esses autores foram capazes de colocar no âmago de suas obras. Essa repetição, ao dirigir-se à própria linguagem, fazendo-se espelho de si, e assim indefinidamente, faz com que a literatura passe também pela sua recusa, pela sua morte. Assim, cada ato literário passa por quatro imprescindíveis negações:

[...] primeiro, recusar a literatura dos outros; segundo, recusar aos outros o próprio direito de fazer literatura, negar que as obras dos outros sejam literatura; terceiro, recusar, contestar a si mesmo o direito de fazer literatura; finalmente, recusar fazer ou dizer, no uso da linguagem literária, outra coisa que não o assassinato sistemático da literatura (MACHADO, 2001, p. 143)

O quarto tópico a que Roberto Machado se refere fecha, portanto, o cíclico reduplicar da linguagem sobre si, e reinicia as relações do vazio entre a gramática e o poder de falar, entre a linguagem e a obra. Joyce, Baudelaire, Blanchot, Artaud, Bataille, Klossowski e Borges. Estes são os poetas aos quais Foucault mais faz referência, aqueles que o pensador enfatizou pela maestria com que reconduziram sua linguagem a si própria e assimilaram, no próprio ato de escrever, toda a contestação à filologia estática em prol desse movimento que é a literatura: eles seriam o grande exemplo daqueles que foram capazes de chegar ao ser da literatura.

O que me admira em Bernardo Soares, e que me fez colocá-lo aqui, foi o fato de que o poeta, ao manchar a folha em branco, ao ritualizar a consagração das suas palavras, absorve para seu mundo toda a teorização literária que faz Foucault, como que numa assujeitação do ser literário: ao falar de si, homem, personagem, ajudante de guarda-livros da cidade de Lisboa, Bernardo Soares parece falar da literatura.

### **A fábula da literatura**

O *Livro do desassossego*, todo escrito na primeira pessoa, parece, ainda assim, apresentar múltiplas vozes. Por entre sombras intercambiantes, essas vozes-poetas se fundem mas divergem, e formam entre si esse espaço vazio em que se dá sua literatura, que permanecendo dita na primeira pessoa, se assujeita enquanto palavra e ganha corpo literário. Nesse entremeio, surge uma fábula<sup>7</sup> em que se narra o surgimento da literatura e, a partir de então, o livro, que é pura descontinuidade, um agregado de escritos unidos e publicados em conjunto apenas após a morte de Fernando Pessoa, é permeado pelo pensamento de Foucault sobre esse tema, que ganha vida nas belíssimas palavras pessoianas.

---

<sup>7</sup> De acordo com Foucault “[a literatura] é feita de um não-inefável, de algo que, portanto, poderia se chamar de fábula, no sentido rigoroso e originário do termo.” A fábula de Bernardo Soares, ao contrário daquela a que Foucault se refere, salta aos olhos do leitor.

A “fábula da literatura”, como chamei no parágrafo acima, se inicia no primeiro trecho do livro, do qual destacarei alguns trechos<sup>8</sup>.

Nasci em um tempo em que a maioria dos jovens haviam perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a haviam tido – sem saber porquê. E então, porque o espírito humano tende naturalmente para criticar porque sente, e não porque pensa, a maioria desses jovens escolheu a Humanidade para sucedâneo de Deus. Pertencço, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, não vêem só a multidão de que são, se não também os grande espaços que há ao lado. Por isso nem abandonei Deus tão amplamente como eles, nem aceitei nunca a Humanidade. (...)

Assim não sabendo crer em Deus, e não podendo crer numa soma de animais, fiquei, como outros da orla das gentes, naquela distância de tudo a que comumente se chama a Decadência. A Decadência é a perda total da inconsciência; porque a inconsciência é o fundamento da vida. O coração, se pudesse pensar, pararia.

A quem, como eu, assim, vivendo não sabe ter vida, que resta se não, como a meus poucos pares, a renúncia por modo e a contemplação por destino? Não sabendo o que é a vida religiosa, nem podendo sabê-lo, porque se não tem fê com a razão; não podendo ter fê na abstracção do homem, nem sabendo mesmo que fazer dela perante nós, ficava-nos, como motivo de ter alma, a contemplação estética da vida. E, assim, alheios à solenidade de todos os mundos, indiferentes ao divino e desprezadores do humano, entregamos futilmente à sensação sem propósito, cultivada num epicurismo subtilizado como convém aos nossos nervos cerebrais. (SOARES, 1999, p.45)

Para Bernardo Soares, o vazio em que se encontra, vazio vivido na sua finitude absoluta, na angústia de seu ser disperso, na estranheza de si perante a si mesmo, leva-o ao enaltecimento desse ser de linguagem da literatura, que pela estética não se coloca os problemas da realidade. A ambigüidade da frase anterior se transmite na perfeição de seu intuito: assim como para o ser da literatura a facticidade de sua existência não se coloca, para aquele que a enaltece ao extremo, tomando a estética como realidade sua, o mundo real, inversamente, não se coloca. A realidade descolada da estética funciona como fuga para Bernardo Soares, e como solução para o ser da linguagem. É como se Bernardo Soares fosse levado aos caminhos da contemplação estética, diante da constatação nietzschiana de que deus está morto, sentida nos poros por esse homem moderno, pelo desaparecimento dos valores absolutos, dos fundamentos divinos, das essências e, ao mesmo tempo, pelo fato de essa morte levar ao desaparecimento do homem, que carregava consigo um estranho parentesco com esse deus, sobre o qual toda a sociedade humana se erigiu e que, sem ele, não se pode manter.

E é na sua relação com o ato de escrever, problemática tão reincidente no *Livro do desassossego*, que se desenrola a fábula da literatura, poeticamente levantando suas dobras e duplicações, e colocando-as sempre enquanto uma inquietude. Mais do que passar pelas quatro negações literárias, o *Livro do desassossego* é o ciclo infindo e angustiante da experiência da negação. O desassossego do ser da literatura expresso na fábula vem do

---

<sup>8</sup> Em anexo, no fim do trabalho, o trecho 1 em sua completude: é quase um desvario recortar as palavras de Pessoa, e o faço por uma questão de economia textual, já na página 7, sentindo a necessidade de me render.

movimento constante e ininterrupto, que retorna sempre à recusa e à morte e que traz a finitude como sombra irremediável.

### **Conclusão**

As linhas que compõem este ensaio são todas elas filhas das minhas inquietações sobre o saber, em especial o saber antropológico que vive uma relação tão estreita com a literatura. Digo estreita pelo fato de que, envoltas em pretensões distintas, tratam ambas da escritura, compartilhando esse âmbito de análise, referenciado tanto no autor como no objeto. A antropologia porém, nascida ciência na intenção, encobre cada vez mais suas práticas num ocultismo vago que se enaltece no artístico, na vocação, naquilo que a difere das ciências duras.

Por entre palavras e insistentes negações, essa ciência do homem se esquivava de si. Da antropologia mais voltada para a auto-reflexão, surge primeiro a recusa de fazer-se enquanto ciência da alteridade: por um sofisma perverso, recoloca o antropólogo em seu trono europeu, do qual ele já se acredita – ou precisa acreditar-se – liberto. Execra também a busca de uma identidade, de um universalismo qualquer. E na fuga daquilo que se via como um objeto tão seu, apontando cada vez mais para as margens desse saber e cada vez menos para o humano só e finito, que ali resta numa clausura calada – viu na morte do deus o desvanecer de sua essência – a antropologia se percebe texto e chega mesmo a se dizer literatura.

Acho que foi o eco dessas palavras que me bateu por dentro a ponto de fazer surgir este artigo. Dizer da antropologia uma literatura carrega consigo a importante questão do que é a literatura, de que forma ela se relaciona com o saber e, principalmente, o que se pode fazer dela. Sem nenhum tipo de pretensão antropológica, este trabalho me esclarece essas três questões. Nesse eco, encontrei-me com uma extensa literatura de Michel Foucault, que me excita a mente em poesia. Mas foi com *As palavras e as coisas* que minha excitação retomou na memória o desassossego de Pessoa, e numa nova leitura, já um tanto extasiada pelo mundo descoberto que me abre Foucault, o todo de Bernardo Soares me ofereceu novos achados. E é assim, ao se descobrir em diálogos mútuos sobre o saber, que este artigo, reunindo, em principal, um belo, vasto e denso par de obras, se abre em possibilidades e em desejos de mais, que se desdobram sobre a visão de texto, de literatura, de ciência – dos discursos possíveis sobre o homem.

## ANEXO

Como anunciei na nota número sete da página cinco deste trabalho, transcrevo por inteiro o primeiro trecho do *Livro do Desassossego* (1999) de Bernardo Soares / Fernando Pessoa.

Nasci em um tempo em que a maioria dos jovens haviam perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a haviam tido – sem saber porquê. E então, porque o espírito humano tende naturalmente para criticar porque sente, e não porque pensa, a maioria desses jovens escolheu a Humanidade para sucedâneo de Deus. Pertença, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, não vêem só a multidão de que são, se não também os grandes espaços que há ao lado. Por isso nem abandonei Deus tão amplamente como eles, nem aceitei nunca a Humanidade. Considerei que Deus, sendo improvável, pode ser, podendo pois dever ser adorado; mas que a Humanidade, sendo uma mera idéia biológica, e não significando mais que a espécie animal humana, não era mais digna de adoração que qualquer outra espécie animal. Este culto da Humanidade, com seus ritos de Liberdade e Igualdade, pareceu-me sempre uma revivência dos cultos antigos, em que animais eram como deuses ou os deuses tinham cabeças de animais.

Assim não sabendo crer em Deus, e não podendo crer numa soma de animais, fiquei, como outros da orla das gentes, naquela distância de tudo a que comumente se chama a Decadência. A Decadência é a perda total da inconsciência; porque a inconsciência é o fundamento da vida. O coração, se pudesse pensar, pararia.

A quem, como eu, assim, vivendo não sabe ter vida, que resta se não, como a meus poucos pares, a renúncia por modo e a contemplação por destino? Não sabendo o que é a vida religiosa, nem podendo sabê-lo, porque se não tem fé com a razão; não podendo ter fé na abstracção do homem, nem sabendo mesmo que fazer dela perante nós, ficava-nos, como motivo de ter alma, a contemplação estética da vida. E, assim, alheios à solenidade de todos os mundos, indiferentes ao divino e desprezadores do humano, entregamo-nos futilmente à sensação sem propósito, cultivada num epicurismo subtilizado como convém aos nossos nervos cerebrais.

Retendo, da ciência, somente aquele seu preceito central, de que tudo é sujeito às leis fatais, contra as quais não se reage independentemente, porque reagir é elas terem feito que reagíssemos; e verificando como esse preceito se ajusta ao outro, mais antigo, da divina fatalidade das coisas, abdicamo-nos do esforço como os débeis do entretenimento dos atletas, e curvamo-nos sobre o livro das sensações com um grande escrúpulo de erupção sentida.

Não tomando nada a sério, nem considerando que nos fosse dada, por certa, outra realidade que não as nossas sensações, nelas nos abrigamos, e a elas nos exploramos como a grandes países desconhecidos. E, se nos empregamos assiduamente, não só na contemplação estética, mas também, na expressão dos seus modos e resultados, é que a prosa ou o verso que escrevemos, destituídos de vontade de querer convencer o alheio entendimento ou mover a alheia vontade, é apenas como o falar alto de quem lê, feito para dar plena objectividade ao prazer subjetivo da leitura.

Sabemos bem que toda obra tem que ser imperfeita, e que a menos segura das nossas contemplações estéticas será a daquilo que escrevemos. Mas imperfeito é tudo, nem há poente tão belo que o não pudesse ser mais, ou brisa leve que nos dê sono que não pudesse dar-nos um sono mais calmo ainda. E assim, contempladores iguais das montanhas e das estátuas, gozando os dias como os livros, sonhando tudo, sobretudo para converter na nossa íntima substância, faremos também descrições e análises, que passarão a ser coisas alheias, que podemos gozar como se viessem na tarde.

Não é este o conceito dos pessimistas, como aquele de Vigny, para quem a vida é uma cadeia, onde ele tecia palha para se distrair. Ser pessimista é tomar qualquer coisa como trágico, e essa atitude é um exagero e um incômodo. Não temos, é certo, um conceito de valia



que apliquemos à obra que produzimos. Produzi-mo-la, é certo, para nos distrair, porém não como o preso que tece a palha, para se distrair do Destino, senão da menina que borda almofadas, para se distrair, sem mais nada.

Considero a vida uma estalagem onde tenho que me demorar até que chegue a diligência do abismo. Não sei onde ela me levará, porque não sei de nada. Poderia considerar esta estalagem uma prisão, porque estou compelido a aguardar nela; poderia considerá-la um lugar de sociáveis, porque aqui me encontro com outros. Não sou, porém, nem impaciente nem comum. Deixo ao que são os que se fecham no quarto, deitados moles na cama onde esperam sem sono; deixo ao que fazem os que conversam nas salas, de onde as músicas e as vozes chegam cômodas até mim. Sento-me à porta e embebo meus olhos e ouvidos nas cores e nos sons da paisagem, e canto lento, para mim só, vagos cantos que componho enquanto espero.

Para todos nós descera a noite e chegará a diligência. Gozo a brisa que me dão e a alma que me deram para gozá-la, e não interrogo mais nem procuro. Se o que deixar escrito nos livros dos viajantes puder, relido um dia por outro, entretê-los também na passagem, será bem. Se não o lerem, nem se entretiverem, será bem também.

### **Referências Bibliográficas**

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 1.ed. Lisboa: Ed. Portugaláia, 1966.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. **Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault**. 1.ed. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

\_\_\_\_\_. Arqueologia, filosofia e literatura. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; PORTOCARRERO, Vera. **Retratos de Foucault**. 1.ed. Rio de Janeiro: Nau, 2000.

PESSOA, Fernando. Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa / Fernando Pessoa. In: ZENITH, Richard. (org.) **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.